

CORREIO BRAZILIENSE

33º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO



BRAVA GENTE BRASILEIRA

(Brasil/Portugal, 2000). Direção: Lúcia Murat. Com Diogo Infante, Luciana Rigueira, Leonardo Villar, Murilo Grossi e Buza Ferraz. Em exibição hoje no Cine Brasília, a partir das 20h30. Reprise amanhã, a partir das 15h. Ingressos a R\$ 6,00 e R\$ 3,00

A FRASE

“O FILME TRAZ O MEU OLHAR, QUE É O OLHAR DE BRANCO. MAS TENHO CERTEZA DE QUE TRAZ CONSIGO A CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE TUDO O QUE FOI FEITO CONTRA OS ÍNDIOS” LÚCIA MURAT

O NÚMERO

R\$ 1,4 MILHÃO

foi quanto custou Brava Gente Brasileira, rodado em Super 16mm e transferido para película 35mm

FILMOGRAFIA

QUE BOM TE VER VIVA (1989) * DOCES PODERES (1996) BRAVA GENTE BRASILEIRA (2000)

*Premiado com os Candangos de melhor filme, melhor montagem e melhor atriz (Irene Ravache)

ENQUANTO SE COMEMORAM OS 500 ANOS DO BRASIL, LÚCIA MURAT APRESENTA UM ASPECTO POUCO CONHECIDO DA HISTÓRIA DO PAÍS NO ANTIÉPICO BRAVA GENTE BRASILEIRA

Divulgação



NO FILME DE LÚCIA MURAT, A ATRIZ LUCIANA RIGUEIRA INTEPRETA A ÍNDIA ANOTE, CONHECIDA POR FAZER BELAS PINTURAS DE ROSTO

QUANDO OS ÍNDIOS VIRAM O JOGO

Gustavo Galvão Da equipe do Correio

Definição de índio brasileiro, de acordo com a cultura ocidental, branca e colonizadora: ser aculturado, de comportamento cordial e preguiçoso. Esta imagem foi divulgada com o tempo em livros, relatos e, mais recentemente, em filmes e séries de TV. Não existe, contudo, uma caracterização física precisa para os índios que povoam o país. Os portugueses souberam disso quando exploraram a região do Pantanal pela primeira vez.

Lá, conheceram os guaicurus, nativos que quebravam todos os mitos. Eram altos, trabalhadores e guerreiros. Montavam cavalos e viviam em sociedade bem estruturada e culturalmente rica, como comprovam os desenhos gravados em grutas e outros espaços. Tudo isso foi em parte abafado pelos portugueses, até que Lúcia Murat encontrou relatório datado do século 18. Daí, nasceu Brava Gente Brasileira, antiépico em exibição hoje no Festival de Brasília.

“O filme não tem nada a ver com a comemoração dos 500 anos”, adverte a diretora. “Estou pensando e repensando o projeto há

12 anos, desde que um amigo me passou, por acaso, um relatório militar escrito no Forte Coimbra, que ainda está em pé no Mato Grosso.” De qualquer forma, Brava Gente Brasileira chega em momento oportuno. Não há o que comemorar.

Alternando-se entre referências verídicas e cenas ficcionais, a cineasta descreve o choque (nada romântico e cordial) entre duas culturas absolutamente diferentes. Em 1778, um grupo de soldados acompanhava Diogo, astrônomo e cartógrafo enviado pela Coroa Portuguesa para fazer levantamento topográfico da região do Médio-Paraguai. No caminho do expedicionário, interpretado pelo português Diogo Infante, estavam índios montados em cavalos treinados.

A presença amedrontadora dos guaicurus, descrita no relatório militar, impressionou Lúcia Murat. “O documento subvertia a imagem do índio submisso. O colonizador construiu esta imagem, de um povo cortês, mas eles sofreram com forte resistência de 200 anos”, ressalta. Até a assinatura de um acordo de paz, em 1793, foram precisos dois séculos para que os europeus rompessem a barreira indígena, que impedia o avanço lusitano além da linha de Tordesilhas.

O filme mostra que as conseqüências do encontro entre brancos e índios foram trágicas. Natural. “Eram dois mundos que não se tocavam, mas os portugueses insistiam em dominar a região, estratégica na guerra contra os espanhóis. Mostramos a dificuldade do ser humano em lidar com o que lhe parece diferente”, afirma Lúcia.

Para tornar tudo mais verdadeiro, o diretor de arte José Joaquim Salles e o ator Murilo Grossi tiveram trabalho extra. José reconstituiu a riqueza dos traços dos nativos. A diretora aponta: “As pinturas deles eram maravilhosas, não é invenção do diretor de arte”. Já Murilo conviveu por vários meses com os descendentes dos guaicurus para adaptá-los ao processo de filmagem. “Eles não entendiam a noção de ficção. Para eles, era ou não era”, recorda.

Ainda que as aparências lembrem o formato de um épico de guerra, gênero marcado por longos planos de batalha e com milhares de figurantes, a diretora avisa: não espere isso de Brava Gente Brasileira, mais concentrado nos conflitos humanos do que físicos. “Não quis fazer documentário para a Discovery Channel”, ironiza. “Pode chamá-lo de antiépico, mesmo.”

INSTITUTO

 SOCIOAMBIENTAL
Documentação
 Fonte LB
 Data 24/11/2000 Pg 5
 Class. 137

CATEQUIZAÇÃO NA ARTE DRAMÁTICA

MURILO GROSSI ENSINA OS ÍNDIOS GUAICURUS A ATUAREM NO FILME *BRAVA GENTE BRASILEIRA*



O ATOR MURILO GROSSI RECORDA OS MOMENTOS VIVIDOS AO LADO DA TRIBO DOS KADIWÉU, COMO OS GUAICURUS GOSTAM DE SER CHAMADOS

Marcelo Rocha
 Da equipe do *Correio*

O ator brasileiro Murilo Grossi, 35 anos, não esconde a ansiedade para a terceira noite da mostra competitiva em 35mm do Festival de Brasília. Afinal, mais uma vez ele desafia seus dotes dramáticos na telona. Na fita *Brava Gente Brasileira*, de Lúcia Murat, ele interpreta Alfonso, ex-jesuíta espanhol que mora com a tribo dos guaicurus. A expectativa, no entanto, vai além da própria pele. Grossi quer assistir a atuação dos *kadiwéu* (como os índios guaicurus se auto-denominam), preparados pelo ator para atuarem no longa-metragem.

Dirigido por Lúcia Murat no longa-metragem *Doces Poderes* (1996), Grossi nem pestanejou ao aceitar o convite da diretora. "Seria um desafio e uma experiência inédita na minha vida, uma experiência que só contribuiria para meu enriquecimento profissional."

O trabalho de Grossi como preparador de atores, no caso, os índios, começou dois meses antes do início das filmagens de *Brava Gente Brasileira*. Ele acompanhou boa parte das locações no Mato Grosso, onde vivem quase 1,3 mil *kadiwéu*, os chamados índios guerreiros.

Do longínquo século 16, época do primeiro contato com o homem branco, só permanece a fama de guerreiros. Durante as entrevistas e aulas de interpretação, Grossi deparou-se com uma tribo devastada, vivendo no limiar de sua existência. "Não existe qualquer perspectiva de futuro. Estão devastados pela bebida, pelo assédio dos evangélicos", relata.

A primeira visita à tribo durou pouco mais de uma semana, quando Lúcia Murat realizava entre-

vistas para a seleção dos personagens principais. Naquele momento, Grossi teve a medida exata do que tinha pela frente. "Era como receber uma folha em branco e ter que preenchê-la inteira."

O ponto crítico em todo o processo de preparação dos *kadiwéu* ficou por conta de uma cena na qual um guerreiro, interpretado pelo índio Willian Soares, depara-se com a filha, Anoã (Vanessa Marcelino), morta. Grossi lembra que o *mis-en-scène* era encarado com muito humor pela tribo.

Para contornar a dispersão, o ator trabalhou a realidade. Resgatou um momento crítico na vida de Willian — a perda de um ente querido. "Acabei arrancando uma interpretação muito convincente. Impossível para o mais preparado dos atores. Ficamos todos satisfeitos. O *set* inteiro bateu palmas." O trabalho também envolveu o ensino de técnicas de interpretação. Com exercícios, a vontade de sorrir, por exemplo, pode transformar-se em expressão de raiva.

Além de preparar a tribo *kadiwéu* para o filme, o brasileiro também volta a atuar na telona, depois de uma série de curtas e filmes como *Guerra de Canudos* (1997) e *Mauá — O Imperador e o Rei* (1999), ambos de Sérgio Rezende. "Apesar de ceder espaço para outras atividades (assistência de direção, produção e direção de atores), atuar é o que mais gosto de fazer no cinema. Além disso, o mercado é ingrato, muito concorrido e saturado. É preciso marcar presença para você não ficar *de molho*."

Isso não significa, no entanto, deixar de lado futuros projetos na área de direção ou preparação de atores. "Existe muito trabalho. É uma área que carece de profissionais no país." Grossi já estuda um novo projeto, que mantém em segredo. "Não posso antecipar ainda", esquivou-se, com a habilidade que a arte da interpretação lhe deu.

"PARA OS POVOS INDÍGENAS, NÃO EXISTE FICÇÃO. ELES TÊM UMA DIFICULDADE SOBRENATURAL DE SE PROJETAREM EM OUTRAS PESSOAS. OU SÃO OU NÃO SÃO. DAÍ VEM A GRANDE FORÇA DE SUAS INTERPRETAÇÕES."

MURILO GROSSI, ATOR

Sérgio Amaral

